

ENTRE LAGRIMAS: O ENSINO SOBRE HOLOCAUSTO NA PERSPECTIVA DA SENSIBILIDADE

Thiago Acácio Raposo (1); Auricélia Lopes Pereira (2)

(1) Escola Estadual de Ensino Fundamental Senador Humberto Lucena; (2) Universidade Estadual da Paraíba

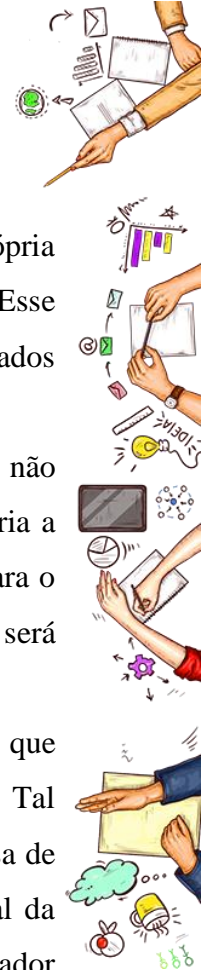
Resumo: As narrativas em torno do Holocausto são caracterizadas pela presença da dor e do sofrimento. Discutir tal temática leva-nos a refletir em torno do nosso lugar no mundo e na nossa capacidade de sentirmos as dores dos outros. Distante de nós algumas décadas, tal evento marcou a história da humanidade com o sangue de pessoas inocentes e indefesas, vítimas de políticas racistas e excludentes, que desumanizam aqueles que não se encaixavam nos padrões por eles estabelecidos. O presente artigo tem por objetivo a exposição de uma experiência pedagógica que propõe o ensino sobre o Holocausto Nazista a partir da História das sensibilidades. Tal atividade foi desenvolvida e aplicada por uma equipe do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculada ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em três turmas do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Senador Humberto Lucena, Campina Grande – Paraíba, em julho de 2017. A execução dessa atividade foi pensada com a finalidade de estimular as sensibilidades dos alunos, levando-os a analisar os acontecimentos históricos de modo mais humano, percebendo que aquelas pessoas ali citadas (ou não) também amavam, sentiam fome e medo, assim com eles. Para pensar tal proposta, nos baseamos nas discussões de Sandra Jatahy Pesavento sobre a História das Sensibilidades, que mesmo não tratando da prática do ensino, e sim da escrita, nos oferece um suporte para pensarmos o ensino de história baseado na prática do altruísmo; e nas contribuições de Annette Becker sobre os campos de concentração e a sua relação com os corpos dos presos.

Palavras-chave: Ensino sensível, PIBID, Holocausto Nazista, Ensino de História.

Introdução

Falar sobre o Holocausto, o qual judeus, ciganos, negros e outras minorias foram vítimas, não é algo fácil. As atrocidades cometidas pelos nazistas deixaram marcas bastante profundas na história da humanidade. Discutir tal fato histórico se torna importante na medida em que apresenta o que pode acontecer quando o poder é depositado sobre as mãos de um homem que defende ideias radicais e soluções rápidas para os problemas enfrentados pelo país. Todavia, o que nos parece mais difícil é a tarefa de provocar uma sensibilidade em nossos alunos, para que eles sejam capazes de analisar esses acontecimentos a partir de um olhar altruísta.

A História das Sensibilidades (PESAVENTO, 2007), inserida no contexto da Nova História Cultural, compreende a necessidade de se analisar o passado a partir de um olhar altruísta, interessando-se pelo indivíduo, por suas reações íntimas e por suas contradições abertas ou encobertas. Trata-se de analisar de modo sensível, de que maneira os indivíduos reagem perante os acontecimentos de sua contemporaneidade. Não se pretende resgatar o modo como esses homens pensavam, mas como eles representavam o seu tempo.



A partir da leitura dessas representações encontradas, o historiador cria sua própria representação dos eventos analisados. A isso, dá-se o nome de narrativa historiográfica. Esse profissional é responsável pela pesquisa, investigação e sistematização dos dados encontrados, traduzindo inúmeras informações em um texto narrativo.

Mas, se a escrita e a investigação histórica devem ser sensíveis, por que o ensino não deveria ser? Propomos, com o desenvolver de uma aula diferenciada, o ensino de história a partir da sensibilidade. O riso é muito importante para o ensino, pois atrai as atenções para o conteúdo discutido. Mas será que as lágrimas possuem o mesmo poder? Tal pergunta será respondida com o desenvolvimento do texto

O presente artigo tem por objetivo a exposição de uma experiência pedagógica que propõe o ensino sobre o Holocausto Nazista a partir da História das sensibilidades. Tal atividade foi desenvolvida e aplicada por uma equipe¹ do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculada ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em três turmas do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Senador Humberto Lucena, Campina Grande – Paraíba, em julho de 2017.

Refletindo brevemente sobre o Holocausto

Para falarmos sobre o Holocausto é necessário recuarmos algumas décadas para compreendermos os eventos históricos que possibilitaram tal acontecimento. Após o fim da Primeira Guerra Mundial, o povo alemão se vê derrotado e humilhado. O Tratado de Versalhes impunha pesadas punições a este país, que foi o único a ser responsabilizado pela Grande Guerra (HOBSBAWM, 1995). A guerra deixara o país em ruínas e as indenizações impediam que o país se reerguesse. Com o orgulho ferido, o sentimento de ódio crescia e se enraizava cada vez mais.

Com o fim do conflito, vários partidos políticos surgem, apresentando propostas e soluções para os problemas da nação alemã, entre eles, o Partido Nazista, que defendia a superioridade da “raça ariana” em detrimento das demais. Baseando-se no Darwinismo social e nas teorias racistas tão comuns à época, o nazismo, sob a liderança do austríaco Adolf Hitler, apresentava em seus comícios que os judeus eram os verdadeiros culpados pela derrota alemã na Grande Guerra (CYTRYNOWICZ, 1990).

¹ Participaram da atividade os pibidianos Donizete Emanuel de Couto Rodrigues, Marília Cristina de Queiroz, Mylla Christie Montenegro Bezerra e Valdeir Alves dos Santos, Supervisionados por Thiago Acácio Raposo.



Avançando alguns acontecimentos, em 1934 Hitler assume a posição de líder máximo da nação (Führer) alemã. Daí em diante, as propostas racistas contra os judeus acabam se tornando políticas excludentes. Sob a defesa da proteção da superioridade Ariana, são aprovadas em 1935 as Leis de Nuremberg, que retiram a cidadania alemã de todos aqueles que fossem ou descendessem de judeus e proibia os casamentos entre alemães e povos “impuros” (judeus, negros, ciganos, entre outros), com o objetivo de proteger o sangue “puro” (EVANS, 2013).

Desse ponto em diante, se tornava cada vez mais difícil ser minoria étnica dentro da Alemanha. A população apoiava tudo que era proposto pelo Führer, pois havia uma política de massificação das opiniões. A imprensa e a escola serviam ao Estado na formação da opinião pública, de modo que, com o tempo, havia uma naturalização do sentimento de superioridade com relação às minorias étnicas.

Para compreender o modo como a população alemã reagia perante as ideias racistas, jamais justificar, é preciso entender que o país estava passando por dificuldades extremas e Hitler conseguiu, em poucos anos, transformar a Alemanha empobrecida em uma potência mundial. Esse crescimento acelerado se deu, em parte, pelo confisco dos bens de famílias judias. Esse dinheiro foi usado para investir no desenvolvimento do país, o que acabou por transformar a realidade do mesmo.

Com a Segunda Guerra Mundial, o Führer alemão transformava sua missão de purificação racial em algo mais abrangente e para isso, vários Campos de Concentração foram criados construídos por toda Europa. Eram lugares destinados ao aprisionamento para a exploração de força de trabalho sob a égide da escravidão ou para o extermínio. Os judeus e outras minorias eram tratados como objetos detestáveis, não humanos. Não bastava desumanizar o povo judeu, era preciso fazê-lo sumir (BECKER, 2008). Em poucos anos, mais de 20 milhões de pessoas foram exterminados em campos de concentração e/ou extermínio.

Para aquele que viveram os tempos difíceis, Hitler era um herói e tudo o que ele fizer, será para o bem da nação. Nos jornais, nenhuma crítica era dirigida ao líder, apenas elogios. Da mesma forma que a Solução Final, o extermínio de judeus, não fora divulgado, só se tornando sabido para a maioria da população alemã após o fim da Segunda Guerra Mundial. Mas como podemos ensinar tal conteúdo para nossos alunos de modo que eles sejam capazes de sentir um pouco a dor vítimas?

A sensibilidade do olhar

Creemos que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo ser humano seja a incapacidade de se colocar no lugar do outro, frente às situações vividas e enfrentadas. O individualismo é uma das características marcantes de nossas sociedades, a fluidez (BAUMAN, 2011) dos sentimentos e das relações sociais marcam profundamente o modo como os homens vivem e interagem com o mundo e com os outros.

Para podermos compreender o outro é preciso ser *altruísta*, ou seja, se colocar no lugar do outro para tentar compreender como ele se sente. Tal modo de agir/sentir é muito importante para a educação, pois é uma condição necessária para o aprimoramento e desenvolvimento da consciência e da dignidade humana (MAIA, 2006). Preocupar-se com o outro é fundamental para o viver bem em sociedade.

A principal função da escola é a de preparar as pessoas para a vida e isso só é possível através do contato com o conhecimento transmitido pelo professor (RAPOSO, 2017). O saber permeia os corpos de nossos alunos e provoca alterações no seu corpo e na alma. Essa última deve ser estimulada para que se desenvolva e se torne uma pessoa capaz de sentir e compreender o outro. Assim, a empatia deve ser estimulada, pois isso provocará uma melhoria nas relações humanas e sociais.

O ensino de história deve levar em consideração que o conhecimento a ser transmitido não pode ficar distante da realidade dos alunos, sendo necessária a execução de *ensaios* que ponham em evidência as ligações entre o passado e aqueles que vivem no presente (LARROSA, 2004). É preciso orientar os alunos para que eles reflitam a história e se localizem como agentes ativos de sua produção.

Marc Bloch (2001), através de uma das mais belas metáforas da história, define aquilo que ele entende por ser o papel do historiador: "O bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça" (p.20). Ele deve ser capaz de sentir o cheiro da carne e de ensinar aos seus alunos a sentirem o cheiro de vida que transpira pelos poros dos livros empoeirados nas estantes. As vidas daqueles homens não se esgotaram com as suas mortes, elas permanecem vivas nas práticas cotidianas de seus filhos e netos.

O Holocausto sob a perspectiva da sensibilidade: experiência pedagógica

Baseando-se nas reflexões já apresentadas, iniciemos uma descrição e discussão de uma experiência didática-pedagógica realizada com três turmas do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Senador Humberto

Lucena. No decorrer do ensino sobre a Segunda Guerra, verificou-se que muito alunos se demonstravam indiferentes as narrativas sobre o Holocausto apresentadas pelo professor. Diante disso, surgiu a ideia de, juntamente com a equipe do PIBID, organizar uma aula diferenciada sobre essa temática.

O interior de uma sala de aula da escola foi toda coberta com tecido TNT e vários cartazes foram distribuídos pelo espaço, cada um tratava de um tema específico, por exemplo: as Leis de Nuremberg, os guetos, os campos de concentração, as câmaras de gás, etc. Ao centro, foi montado um espaço que simbolizava as valas. Além disso, foram preparados alguns materiais didáticos (Figura 1) que traziam informações relativas ao tema discutido.

Figura 1 – Jornais sobre o Holocausto



Fonte: Acervo PIBID/UEPB 2017.

Na entrada da sala, foi entregue a cada aluno uma fotografia de uma pessoa que foi vítima do nazismo, mas não era dito qual foi o destino daquela pessoa. O objetivo era o de provocar a curiosidade dos alunos, de fazer imaginar e sentir o outro. Ao término da aula, uma biografia correspondente à fotografia foi entregue a cada aluno. Todas as fotografias/biografias foram retiradas do site A Enciclopédia do Holocausto².

Após receber as fotografias, os alunos foram orientados a entrar em silêncio e a observar os cartazes distribuídos na sala (Figura 2). Feito isso, todos se sentaram e o professor fez uma contextualização para reforçar qual seria a temática da aula. Até então, as brincadeiras e a “indisciplina” estavam presentes.

Figura 2 – Alunos observam cartazes sobre o Holocausto



Fonte: Acervo PIBID/UEPB 2017.

² Para mais informações, acesse: <<https://www.ushmm.org/ptbr/holocaust-encyclopedia>>.

O professor iniciou a apresentação de alguns vídeos (Figura 2 e 3) gravados no momento da libertação de alguns campos de concentração nazista. O barulho se desfez. O silêncio ensurdecedor percorria o corpo de todos ali presentes. Até mesmo os alunos mais trabalhosos estavam em quietos. Não podiam acreditar que aquilo que seus olhos viam podia ser algo real, que seres humanos eram capazes de fazer algo como aquilo. Vieram as lágrimas e com elas a empatia.

Figura 3 – Apresentação de vídeos da libertação nos campos de concentração



Fonte: Acervo PIBID/UEPB 2017.

Figura 4 - Apresentação de vídeos da libertação nos campos de concentração



Fonte: Acervo PIBID/UEPB 2017.

Com o término da exibição das cenas, uma integrante do PIBID começou uma performance artística retratando um relato (fictício) de uma criança que fora vítima do campo de Auschwitz e que perdeu toda a sua família. A emoção traduzida pela performance da pibidiana provocou o choro de muitos, escutava-se apenas os soluços. Os amigos se abraçavam. Por um momento, eles se imaginaram no lugar daqueles que sofreram com as políticas racistas do nazismo e isso mostrava para eles a importância que a história tinha na vida deles. Afinal, tal evento não pode nem deve ser esquecido jamais, para que ele não torne a acontecer.

Por fim, o professor supervisor explica a todos que aquela não era para ser uma aula bonita e feliz, como todas as outras, mas uma aula triste, que deveria fazer com que eles refletissem sobre o que a maldade humana é capaz de fazer e como, apesar de tudo, aqueles que eram salvos não paravam de sorrir. Por que, mesmo sofrendo tanto, eles conseguem sorrir? Possivelmente, era isso que eles se perguntavam. Uma garota foi até o professor e pediu um abraço e disse que aquela aula era justamente o que ela precisava naquele momento.

Considerações finais

Diante de tudo que foi apresentado, podemos perceber que uma aula de história que se baseia na sensibilidade pode conseguir chamar a atenção de quase todos os alunos, por estar tratando de sentimentos intimamente ligados à nossa condição humana. Optamos por trabalhar com as lágrimas por conta da temática escolhida para a experiência, mas outros sentimentos (a exemplo do riso) podem ser explorados, dependendo da proposta do professor.

Buscou-se compreender como aquelas pessoas, vítimas do nazismo, se sentiam perante as várias adversidades. Impossível, de fato, resgatar na íntegra este sentimento. Entretanto, encontramos, através das fontes (vídeos, fotos, texto, etc.) algumas pistas que nos permitem refletir em torno das representações que esses homens e mulheres criavam sobre o mundo e sobre si mesmos.

Verificou-se a participação de todos os alunos envolvidos na experiência. A indiferença de alguns, exposta na clássica aula expositiva e dialogada, se desfez com alguns estímulos. Uma das coisas que mais nos chamou a atenção foi o fato de um aluno olhar para a sala e dizer: “caramba, eles gastaram muito dinheiro para fazer isso daqui para nós”. Uma simples aula diferente foi responsável por provocar a empatia dos alunos com os personagens

históricos e de leva fez com que eles se sentissem valorizados.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BECKER, Annette. **Extermínios: o corpo e os campos de concentração**. CORBIN, Alain, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Memória da barbárie: a história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial**. Nova Stella, 1990.

EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich no poder**. Editora Planeta do Brasil, 2013.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 97-118, 1995.

LARROSA, Jorge. **A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida**. Educação & Realidade, v. 29, n. 1, 2004.

MAIA, Carlos Fernandes. **Altruísmo e educação: condição, consciência e dignidade**. Revista Portuguesa de Educação, v. 19, n. 2, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Sensibilidades: escrita e leitura da alma”. In: _____ . **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 7-21.

RAPOSO, T. A. Por ensino de História para a vida. In: BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria. (Org.). **Um Pé de História: estudos sobre aprendizagem histórica**. 1ed. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição Especial E-book LAPHIS/Sobre Ontens, 2017, v. p. 367-369.